



AS SETE PRAGAS DO ENSINO DE PORTUGUÊS E OUTRAS “PRAGAS”, HOJE: REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Juarez Nogueira Lins

Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: junolins@yahoo.com.br

Coautora: Jocélia de Lima Luís da Silva

Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jocelialima24@hotmail.com

Coautora: Priscilla da Silva Soares

Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: priscilla.branca@hotmail.com

RESUMO: Nós – professor de Estágio e Estagiárias de Letras (Língua Portuguesa) – vivenciamos as dificuldades que o ensino de LP vem enfrentando, desde as últimas quatro décadas, no país. Acreditamos então, que uma de nossas tarefas – seria contribuir com algumas reflexões (observação) e práticas (regências) para a construção de novos caminhos teórico-metodológicos para o ensino-aprendizagem de LP, na escola básica. Ou seja, a busca por um ensino de LP desvinculado de antigas práticas metodológicas e, alinhado às necessidades contemporâneas de linguagem enquanto uso e em interação social (BAKHTIN, 2006). A partir da articulação entre o texto *As Sete Pragas do Ensino de Português* de Faraco (1975) e o Estágio Supervisionado – as observações de aulas de LP – objetivou-se refletir sobre o ensino-aprendizagem de Língua Materna na Escola Básica. Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa de cunho qualitativo utilizou como “corpus” o relatório de observação de 02 licenciandas do Curso de Letras. Além do artigo de Faraco, o presente estudo apóia-se também nos estudos de Bakhtin (2006), Geraldi (2011), Antunes (2003, 2010), Pimenta e Lima (2010). Concluiu-se que: as licenciandas reafirmaram a atualidade das “sete pragas”. Estas, com exceções, continuam presentes nas aulas de português, juntamente com outras pragas, antigas, mas não citadas, a exemplo dos exercícios de cópias do LD, e as novas pragas: a dificuldades tecnológicas¹, a indisciplina, entre outras, juntam-se às sete pragas citadas por Faraco.

Palavras-chave: As sete pragas, Ensino de LP, Estágio Supervisionado.

INTRODUÇÃO

O artigo *As Sete Pragas*² do Ensino de Português, de Carlos Alberto Faraco (1975), traz um breve panorama das questões que afligiam o ensino de Língua Portuguesa (LP) na

¹ Dificuldades que o professor encontra para utilizar os equipamentos tecnológicos na sala de aula.

² “(...) certas atividades rotineiras que constituem a essência de um determinado tipo de ensino de português, qualificável de tradicional, cujos resultados têm sido os mais negativos possíveis.”



década de 70. Na atualidade esse texto ainda faz parte das discussões sobre o ensino de linguagem na escola básica e, desde 2008 se faz presente nas discussões do Componente Curricular do Estágio Supervisionado I do Curso de Letras do Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como texto motivador de reflexões sobre o ensino de LP. Quase quarenta anos depois, não raras vezes, os (as) licenciandos (as) do Curso de Letras/Português, ao retornar das observações da prática docente de LP, se inquietam com a atualidade do texto. Quando questionados sobre mudanças, afirmam: “há outras *pragas* que se juntam às antigas”. A partir dos relatos das observações sobre o ensino de LP, contidos nos Relatórios de Estágio Supervisionado de duas licenciandas de Letras/Português, objetivou-se refletir sobre o ensino-aprendizagem de Língua Materna na Escola Básica, a partir das observações do Estágio Supervisionado de Letras.

A fim de alcançar o objetivo proposto a pesquisa, que tem cunho qualitativo, utilizou como “corpus” o relatório de observação de 02 (duas) licenciandas do Curso de Letras. Como procedimento de pesquisa, a transcrição de parte dos relatos sobre o Ensino de LP. Além do texto base – o artigo de Faraco – o presente estudo apóia-se também nos estudos de Bakhtin (2006), Geraldi (2011), Antunes (2003, 2010), Pimenta e Lima (2010). Os (as) primeiros (as) (as) autores (as) discutem a problemática do ensino de linguagem, Língua portuguesa, os dois últimos, respectivamente, a pesquisa na área de Letras e o Estágio Supervisionado. O artigo desenvolve-se em dois tópicos: o primeiro, uma síntese do texto de Faraco, com algumas observações críticas. O segundo, a análise de fragmentos – que destacam as pragas – dos relatórios elaborados pelas licenciandas do curso de Letras.

1. As Sete Pragas do Ensino de Português, um retrato da década de 70

O artigo As Sete Pragas do Ensino de Português foi publicado originalmente na revista Construtora, ano III, nº 1, p. 5-12, 1975. Nesse texto, Faraco destaca alguns dos males (sedimentados e equivocados) que assolavam a aula de português, em meados da década de

(FARACO, 1975). São práticas de Ensino de Língua Portuguesa cristalizadas pelo uso. Práticas tradicionais e equivocadas que permanecem em sala de aula, apesar dos estudos linguísticos, dos PCN, da fragilidade teórico-metodológica, das inovações tecnológicas... Enfim, atividades que ignoram as demandas contemporâneas de “ser” e “saber”.



70. Numa alusão às Sete Pragas do Egito, o autor traz as sete pragas do ensino de LP, que na verdade, são algumas práticas recorrentes, sem efetiva contribuição para o ensino-aprendizagem de Língua materna, mas ainda desenvolvidas nas salas de aula, por muitos (as) professores (as). Seguem as pragas:

1º PRAGA – leitura não compreensiva. A leitura mecânica, decifração do código escrito. Uma leitura com a finalidade de explorar os elementos gramaticais e responder questões que não exigem reflexão do aluno (a).

2º PRAGA – são os textos chatos. Trata-se de textos desconectados da realidade sociocultural dos (as) alunos (as) e, que, portanto, são desinteressantes e monótonos, afastando-os do prazer da leitura de diferentes gêneros.

3º PRAGA – as redações tortura. Trata-se da prática de uma “escrita artificial e inexpressiva, como diz Antunes (2003, p.26). Uma atividade mecânica em que o aluno (a) se vê obrigado a produzir uma “redação” sem gênero definido e sobre uma temática desconhecida ou mal explorada.

4º PRAGA – é a gramática confusão. Ela ocupa a maior parte do tempo da aula de língua portuguesa: ensino de nomenclaturas e exercícios de aplicação. Centra-se no código escrito e prevê apenas a norma culta, como a variante de prestígio. São regras e mais regras, além é claro, das exceções.

5º PRAGA – conteúdos pragmáticos inúteis. A seleção de conteúdos, realizada com base nas gramáticas tradicionais e/ou no livro didático, traz determinados conteúdos que acrescentam pouco às necessidades comunicativas dos alunos (as).

6º PRAGA – estratégias didáticas inadequadas. Ditados, ortografia, memorização de regras, preenchimento de lacunas, listas de exercício com questões que caem na prova... Estratégias que desfavorecem o desenvolvimento do senso crítico dos alunos (as).



7º PRAGA – literatura biografia. Literatura sem leitura das obras, ou leitura de textos literários para preencher fichas. Literatura biográfico-histórica – arrolam-se dados sobre os autores e o contexto social e histórico em que ele viveu.

Ao trazer e nominar tais pragas, Faraco (1975) fez uma breve, mas relevante reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP) na escola básica, nos seus mais variados contextos³ dessa disciplina. Longe de serem vencidas pelo tempo, pelos estudos linguísticos, pelas tentativas de mudanças institucionais e pelas inovações tecnológicas, tais dificuldades (leia-se pragas) vêm, ao longo dos anos se cristalizando como práticas “modelares⁴” nas aulas de LP. Tais práticas engessam o ensino de língua materna, condenando-a a mesmice e a improdutividade, a imutabilidade, contrariando uma das características do signo, da linguagem: a mutabilidade. As palavras mudam, as línguas mudam, uma vez que, ao refletirem as condições do meio social, registram as transformações da estrutura social (Bakhtin (2006). Hoje, passados, aproximadamente 04 (quatro) décadas, desde a sua publicização, *as pragas* ainda encontram espaço na escola. Além delas, há outras, não citadas por Faraco, mas tão antigas quanto às citadas. E ainda, novas pragas, oriundas da contemporaneidade, que atingem todas as instituições de ensino e as disciplinas, de modo geral, inclusive a língua portuguesa.

2. METODOLOGIA

2.1. Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para Bogdan e Biklen (1994) a pesquisa qualitativa é uma abordagem onde exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial. Ainda afirmam que na investigação qualitativa os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Além de qualitativa, orientada por uma perspectiva de caráter documental, ou seja,

³ Práticas de leitura, escrita, gramática, literatura, estratégias metodológicas, estratégias de avaliação, plano de curso...

⁴ Estratégias metodológicas recorrentes na sala de aula. Modelos de aulas de língua portuguesa a ser “seguido”.



aquela que “busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse” (p. 38), conforme aponta Ludke e André (1986).

2.2 Instrumentos da pesquisa

O instrumento de pesquisa foi o Relatório de Estágio Supervisionado – relatório de observação da prática docente no ensino Fundamental e Médio. Foram selecionados 02 (dois) relatórios, documentos destinados a registrar as impressões dos estagiários – professores em formação, sobre as práticas de ensino, no caso, práticas de ensino de Língua Portuguesa.

2.3 Procedimentos da pesquisa

Para realização da pesquisa, solicitou-se a contribuição e participação de dois/duas alunos (as) do componente curricular Estágio Supervisionado I. Duas alunas se apresentaram para que seus relatórios fossem pesquisados, bem como, para participar da pesquisa e elaboração do artigo. Os dois relatórios foram produzidos no primeiro semestre de 2015, na disciplina de Estágio I do Curso de Letras – habilitação em português – da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira/PB. Buscou-se retirar dos documentos em estudo, indícios da constituição das sete pragas do ensino de LP, e a constituição de outras pragas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 As Mesmas e Outras Pragas: Observações do Estágio Supervisionado

3.1.1 O estágio supervisionado de letras – as observações da prática docente de LP

Nas licenciaturas do CH, e de outros campi da UEPB, a disciplina de Estágio Supervisionado ocorre nos dois últimos anos do curso. No 3º ano, fazia-se o estágio de observação (fundamental) no primeiro semestre e regência no segundo semestre. No 4º ano o estágio observação no Ensino Médio, sendo observação no primeiro semestre e regência no segundo semestre. Seguindo nova orientação institucional⁵, a disciplina de estágio foi dividida

⁵ Resolução de Estágio das Licenciaturas da UEPB.



em: Estágio I, II e III. O Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I contempla a observação e regência no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e no Médio, do 1º ao 3º anos. O Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II determina a regência no Ensino Médio e, o Estágio Supervisionado III, a regência no Ensino Médio.

Na fase de observação, Estágio Supervisionado I, os estagiários se deparam com muitas dificuldades: professores insatisfeitos, vencidos pela rotina cotidiana, pelo trabalho que desenvolvem, pela perda de direitos conquistados, além dos problemas do contexto econômico e social que os afeta, o salário, por exemplo. (PIMENTA e LIMA, 2012). Metodologicamente, ainda é possível práticas engessadas, repetitivas, equivocadas, do ponto de vista dos estudos atuais sobre linguagem. Práticas que ignoram ou desconhecem a linguagem atravessada pelo social e pela história (BAKHTIN, 2006), em prol da valorização de uma forma de linguagem, única, correta e imutável. É geralmente, nesse ambiente escolar, há exceções, que o estagiário constrói a sua visão sobre o ensino de LP e vai construindo sua identidade docente. Para Pimenta e Lima:

O Estágio como campo do conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício docente. (2012, p. 61).

É na escola, entre dificuldades, possibilidades e tentativas que o estagiário de Letras, observando e regendo aulas de LP, toma conhecimento das práticas de linguagem, das dificuldades do exercício profissional, enfim, da realidade do ensino-aprendizagem da língua materna. E assim, pode refletir⁶ e constituir novas identidades para a construção, a partilha e a socialização dos conhecimentos linguísticos na escola básica, ainda afetada por antigas realidades metodológicas, porque não dizer, por *pragas*. E essas observações/impressões/reflexões dos futuros docentes sobre o ensino de LP, materializam-se no relatório de observação. A seguir, apresentam-se alguns fragmentos deste documento, com vistas a análise e discussão.

⁶ (...) o estágio deve seguir “para reflexão, a partir da realidade” (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 45).

3.1.2 Os relatos das observações das práticas de LP – as antigas, as antigas/novas e novas pragas

As observações das aulas de LP ocorreram no semestre letivo 2015.1, finalizado recentemente. As duas estagiárias da disciplina de Estágio Supervisionado I, do Curso de Letras, entraram contato (elas e toda a turma) com o texto base, *As sete pragas do ensino de português*, no início do semestre letivo, nos primeiros contatos com o componente curricular de Estágio Supervisionado. Após discussões, orientações e encaminhamento institucional, todos os alunos, já lotados nas escolas observaram 08 horas/aulas de língua portuguesa, divididas entre o fundamental e o médio. As discussões na sala de aula, as observações de 02 microaulas na UEPB e as 08 observações realizadas na escola culminaram na elaboração do Relatório de Estágio de Observação. Apresenta-se, se a seguir, os fragmentos extraídos de dois destes relatórios de observação.

Relatório 01 – Ensino Fundamental

Escola X

Frag. 01 – “A professora X é simpática e autoritária, possui domínio do conteúdo ministrado, interage com os alunos, os incentiva a responderem **as questões copiadas do livro**, tenta prender a atenção dos educandos a explicação, porém os mesmos são (...)” p. 7

Frag. 02 – “No 7º Ano A e B o conteúdo privilegiado foi interpretação textual, leitura do gênero: poesia, **a estratégia foi leitura silenciosa e após uma leitura dividida, a introdução iniciada pela professora, (...) em seguida continuação da poesia por uma aluna em seguida outro e assim até o termino dessa leitura**, após a leitura teve a interpretação do texto” p. 7

Frag. 03 – “O assunto da aula é **sobre sujeito e predicado**. A atividade que a professora passou foi para os alunos elaborarem cinco frases usando a seleção combinada, a qual se encontrava no livro didático, o próprio livro traz uma gramática fora do texto.” p. 8

Frag. 04 – “Quanto à avaliação, foram feitas atividades escritas e orais. Em relação ao ensino de língua portuguesa, os **recursos utilizados foram o livro didático e o quadro, as estratégias utilizadas foram a interação e leitura coletiva com os alunos.** (...)” p. 9

Fonte: **Relatório de Observação 2015.1**

Relatório 01 – Ensino Médio

Escola X

Frag. 05 – “O assunto da aula era o processo de formação de palavras. **Como a maioria dos alunos não tinha trazido os livros, o professor copiou no quadro, para os alunos copiarem no caderno.** Sem seguida explicou o assunto” p.8

Frag. 06 – Cartaz e anúncio publicitário, na primeira aula a professora relembra a explicação da aula anterior e logo após **pede aos alunos que construíssem seu próprio cartaz tema livre**, sobre os quais saíram cartazes envolvendo temas relativos à política, religião, amor, educação, combate ao ato de fumar, e beber bebidas alcoólicas p. 9

Frag. 07 – “A professora começa explicando como começa o parágrafo. A explicação do assunto é feita de forma bem expositiva. **Utilizando o texto dado como exemplo, a leitura é feita pausadamente, por ela e, à medida que ia lendo a mesma também explica cada parágrafo** (...)” p. 9

Frag. 08 – “Nesta aula seriam apresentados slides para que os alunos conhecessem um pouco sobre a Literatura de Cordel, mas não foi possível a realização dessa atividade, pois **um problema técnico surgiu inesperadamente, impedindo o funcionamento do aparelho data show.**” p.10

Fonte: **Relatório de Observação 2015.1**

Relatório 02 – Ensino Fundamental

Escola Y

Frag. 01 – “O professor **trabalhou a gramática “Os artigos definidos e indefinidos”, colocando frases isoladas no quadro e explicando o assunto** com essas frases. E depois passou um exercício para os alunos responderem.” p. 7

Frag. 02 – “No primeiro horário o **professor copiou um texto no quadro “O dicionário”** explicando o que é um dicionário e quando devemos utilizá-los. **A turma copiou a tarefa, porque não tem livro didático disponível para todos.**” p.8

Frag. 03 – “O professor utilizou o quadro e o livro didático, para a realização da aula. **Ele copiou no quadro um exercício do próprio livro sobre o assunto “Numeral”,** era uma revisão, pois os alunos já tinham estudado.” p. 7

Frag. 04 – “**A professora parou de ler o texto para pedir a cooperação dos alunos. A turma bagunçava muito e não prestava atenção no que a professora lia.**” p. 9

Fonte: **Relatório de Observação 2015.1**

Relatório 02 – Ensino Médio

Escola Y

Frag. 05 – “A aula tem início com a distribuição de um texto, fornecido pela professora, ela pede que os alunos façam duplas para lerem o texto, o mesmo tem como título: “A estruturação do parágrafo padrão”, **o assunto da aula é sobre produção textual. A professora começa explicando como começa o parágrafo. A explicação do assunto é feita de forma bem expositiva.** Utilizando o texto dado como exemplo, a leitura é feita pausadamente, por ela e, à medida que ia lendo a mesma também explicava cada parágrafo (...)” p. 10

Frag. 06 – “Na primeira **aula a professora aplicou o conteúdo de gramática (período composto por subordinação). No primeiro momento mandou os alunos utilizar a caderno de gramática, a docente separa os três eixos de ensino da LP, leitura/redação, literatura e gramática.**” p.8

Frag. 07 – “Ela expõe bem o assunto, **inicia com o contexto histórico,** por alguns minutos a mesma consegue dar aula sem ser interrompida, **mas logo os alunos atrapalham com a bagunça e as conversas.** Infelizmente os alunos não contribuem para uma boa aula. Finalmente eles fazem silêncio e a professora prossegue com a aula. **A docente explica sobre as características gerais do Romantismo,** ela explica cada tópico das características um por um.” p. 11

Frag. 08 – “**A professora propõe uma leitura de clássicos, os livros indicados são:** “Senhora”, de José de Alencar; “Romeu e Julieta” de William Shakespeare; “Memórias de um Sargento de Milícias” de Manuel Antônio de Almeida; “O Seminarista” de Bernardo Guimarães; “A Culpa é das Estrelas” de John Green (este foi sugestão dos alunos), “O Cabeleira” de Franklin Távora e “Inocência” de Visconde de Taunay.” p. 11

Fonte: **Relatório de Observação 2015.1**

De acordo com os dados – os fragmentos dos dois relatórios – pudemos perceber que ainda predominam certas práticas tradicionais (estratégias didáticas mais antigas e recorrentes no cotidiano da sala de aula). Aquelas citadas por Faraco (1975) e outras – antigas e recentes –, relacionadas à postura do professor na sala, às estratégias didáticas, ao relacionamento professor-aluno, à seleção de conteúdos, ao material didático utilizado, às formas de avaliação... Entretanto, nos atemos às estratégias didáticas, conforme a ideia de reafirmar o texto sobre as sete pragas. E elas se presentificam nas aulas de LP, hoje. Vejamos: *leitura não compreensiva*, presente no fragmento: (...) *a estratégia foi leitura silenciosa e após uma leitura dividida, a introdução iniciada pela professora, (...) em seguida continuação da poesia por uma aluna em seguida outro e assim até o termino dessa leitura.* Parece-nos parece atividade

de leitura pela leitura, mecânica, “puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino (...) como diria Antunes (2003, p. 28).

Sobre os *Textos chatos vemos: A professora parou de ler o texto para pedir a cooperação dos alunos. A turma bagunçava muito, não prestava atenção no que a professora lia*. Provavelmente, os alunos (as) não se interessavam pelo teor do texto e, por essa razão, se inquietavam. Esta prática de trazer textos que não correspondem à realidade do aluno (a) pode, aliado a outros fatores, causar indisciplina na sala de aula. Hoje, a indisciplina pode ser considerada uma praga, não apenas da aula de LP, mas do cotidiano das escolas.

A praga seguinte, a *redação tortura*, já é menos freqüente nas aulas de LP. Pelo fragmento, já se pode perceber algumas mudanças. (...) *o assunto da aula é sobre produção textual. A professora começa explicando como começa o parágrafo. A explicação do assunto é feita de forma bem expositiva*. “A prática de uma escrita improvisada, sem planejamento” (ANTUNES, 2003, p. 27) dá lugar a um planejamento inicial, no que diz respeito ao formato do texto.

A próxima praga: gramática confusão é mais presente na sala de aula de LP. Afinal, para muitos professores, alunos e a sociedade em geral, o ensino de gramática se confunde com o ensino de LP. Vejamos: *O assunto da aula é sobre sujeito e predicado. A atividade que a professora passou foi para os alunos elaborarem cinco frases usando a seleção combinada, a qual se encontrava no livro didático*. Diz Geraldi (2002) assim vemos professores ensinando análise sintática às crianças mal alimentadas e que dificilmente se tornaram sujeitos de suas próprias vidas.

Nos dois fragmentos que se seguem o ensino de gramática continua descontextualizado: *Na primeira aula a professora aplicou o conteúdo de gramática (período composto por subordinação). No primeiro momento mandou os alunos utilizar a caderno de gramática*. No outro fragmento, *O professor trabalhou a gramática “Os artigos definidos e indefinidos”, colocando frases isoladas no quadro e explicando o assunto*. Não somos contra o ensino de gramática, mas acreditamos que ele deve se voltar para a realidade do educando,



não para que ele continue a falar e a escrever de maneira errada ou fora da norma culta, mas a partir de sua experiência, ampliar seu horizonte de expectativas, mostrando que há muitas formas de se expressar em sociedade.

Das três últimas pragas restantes – conteúdos pragmáticos inúteis, estratégias didáticas inadequadas e literatura biografia – nós observamos que: a segunda se faz presente no conjunto das práticas citadas e, esta última apresenta as mesmas características da *praga* já citada: *A docente explica sobre as características gerais do Romantismo, ela explica cada tópico das características um por um. A professora propõe uma leitura de clássicos, mais aceita “Romeu e Julieta” e “A Culpa é das Estrelas”*. A indicação de outros textos, já evidencia uma tentativa de aproximar os (as) alunos (as) do contexto que lhes é peculiar. Além das sete pragas, pudemos observar outras pragas: a cópia, a indisciplina e a dificuldade de lidar com a tecnologia. Pragmas gerais, que afetam também, a aula de português. Vejamos o *professor copiou um texto no quadro “O dicionário” explicando o que é um dicionário e quando devemos utilizá-los. A turma copiou a tarefa, porque não tem livro didático disponível para todos; (...) mas logo os alunos atrapalham com a bagunça e as conversas; (...) pois um problema técnico surgiu inesperadamente, impedindo o funcionamento do aparelho data show.*

O conjunto dessas pragas, que insistem em *minar* o ensino de LP, dificulta o exercício da docência e o ensino-aprendizagem de língua materna, ao longo dos anos. Para vencer esse desafio, como os PCN (1998) ressaltam, é necessário, portanto, desconstruir os modelos cristalizados de educação e construir novos, adequados às novas demandas. O estágio supervisionado pode ser uma oportunidade para isso, pois é uma responsabilidade coletiva de educadores – professores e futuros professores – fazer da escola um espaço de aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estágio Supervisionado é um momento que aproxima o (a) aluno (a) da licenciatura



com a realidade escolar, encaminhando-o para a vida profissional. Lá ele (a) percebe que a realidade vivenciada no cotidiano da escola, observada durante o estágio, ainda se distancia da teoria discutida na universidade. Percebe, por exemplo, que certas práticas cristalizadas pelo uso e pouco produtivas, hoje, nos moldes das sete pragas já citadas, fazem parte do cotidiano das escolas. Estas, já antigas, se juntam a outras, produzindo um quadro de desânimo entre os (as) docentes. Muitos (as) deles (as), diante das condições que lhes são ofertadas, fazem o que lhes parece ser o possível, o tradicional. Outros, mesmo vencidos pelo desânimo, buscam inovar e vão além das expectativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro e interação*. 8ª ed. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV) (1929) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Porto Editora, 1994. p. 47-51.
- BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.
- FARACO, C. A. As Sete Pragas do Ensino de Língua Portuguesa. *Revista: CONSTRUTORA*, ano III, nº 1, p. 5-12, 1975.
- GERALDI, J. W. *O Texto na Sala de Aula*. São Paulo: Ática, 2002.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.